

Educação da mulher pela imprensa

Rosa Lydia Teixeira Corrêa¹  0000-0002-6416-4990

Cristiane Pereira Peres²  0000-0002-5906-2834

Alessandra Cristina Furtado³  0000-0002-6084-2299

¹Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, PR, Brasil. 80215-901 –
secretaria.ppge@pucpr.br

²Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Maracaju, MS, Brasil. 79150-027

³Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, Brasil. 79.804-970 –
spgfaed@ufgd.edu.br



Resumo: Este artigo tem como temática a educação feminina, por meio da educação do corpo, em conteúdos destinados às mulheres contidos em propagandas, anúncios e matérias que circularam no jornal *Diário da Tarde* e nos jornais de origem protestante *Expositor Cristão* e *O Estandarte*, na primeira metade do século XX. O objetivo é analisar conteúdos portadores de representações de intimidades sobre o corpo feminino, nos referidos jornais, nesse período. O estudo ancora-se nos pressupostos teórico-metodológicos da história cultural (Roger Chartier, 1990), tendo a pesquisa bibliográfica e os jornais como fontes de investigação. Os dados obtidos, por meio da compreensão de representações, prescrevem comportamentos e modos de agir que apontam não somente para práticas culturais e educativas e, por isso, para a formação de mulheres, na primeira metade do século XX.

Palavras-chave: intimidades femininas; corpo; representações; educação; imprensa.

Women's Education through the Press

Abstract: The main focus of this topic is female education through body education, in content aimed at women, such information appears in advertisements that circulated in the *Jornal Diário da Tarde* and in the Protestant newspapers *Expositor Cristão* and *O Estandarte* in the first half of the 20th century. To this end, the objective is to analyze content from these newspapers that contain representations of intimacy about the female body during this period. The study is based on the theoretical-methodological assumptions of cultural history (Chartier, 1990), with bibliographical research and newspapers as the sources of investigation. The data obtained, through the understanding of representations, prescribes conduct and behaviors, in short, ways of acting that point not only to cultural and educational practices, and, therefore, to the training of women, in that historical time.

Keywords: Female intimacy; Body; Representations; Education; Journals.

La educación de la mujer a través de la prensa

Resumen: Este trabajo tiene como temática la educación femenina por medio de la educación del cuerpo, en contenidos destinados a las mujeres, contenidos en anuncios que circularon en los periódicos *Jornal da Tarde* y *Expositor Cristão* y *O Estandarte*, estos dos de origen protestante en la primera mitad del siglo XX. Para tanto, lo objetivo es analizar contenidos de esos periódicos portadores de representaciones de intimidades sobre el cuerpo femenino, en ese período. El estudio sustenta-se en los presupuestos teórico-metodológicos de la historia cultural (Chartier, 1990), tenido la investigación bibliográfica en los periódicos como las fuentes de investigación. Los datos obtenidos, por medio de la comprensión de representaciones, prescriben conductas y comportamientos, en fin, modos de acción que apuntan non solamente para prácticas culturales y educativas, y, por eso, para la formación de mujeres, en aquel tempo histórico.

Palabras clave: Intimidades Femeninas; Cuerpo; Representaciones; Educación; Prensa.

Introdução

Este artigo tem o objetivo de analisar conteúdos destinados às mulheres contidos em propagandas, anúncios e matérias portadoras de representações que tratam das intimidades femininas que circularam no jornal *Diário da Tarde* e nos jornais de origem protestante *Expositor Cristão* e *O Estandarte*, na primeira metade do século XX, com a finalidade de refletir sobre o fato de que tais representações concorrem para o fomento de processos educativos difusos sobre a mulher. O jornal *Diário da Tarde* circulou em Curitiba, Paraná, desde os fins do século XIX até a segunda metade do século XX. Os jornais *Expositor Cristão* e *O Estandarte* são difundidos nas Igrejas Protestantes e Missões religiosas, no Brasil, desde os fins do século XIX até os dias atuais. Esses periódicos foram selecionados para estudo, por ter sido o primeiro de grande circulação e não religioso e os dois últimos pelo caráter confessional, o que indica dois formatos de imprensa de natureza diferente. As intimidades são entendidas como dados relacionados ao feminino, àquilo que é pessoal, portanto, sobre o íntimo das mulheres que, muitas vezes, diz respeito aos sentimentos, ao corpo e a seu uso, proibições e controle sobre ele.

Uma discussão sobre a educação do corpo feminino em conteúdos destinados às mulheres, contidos nas propagandas, anúncios e matérias que circularam tanto na imprensa de circulação geral quanto na de cunho religioso, torna-se relevante não só por apontar elementos da individualidade da mulher, mas também por abranger conhecimentos específicos das estruturas sociais de uma determinada época. Para Rachel Soihet e Joana Pedro (2007, p. 285),

[...] as transformações na historiografia, articuladas à explosão do feminismo, a partir de fins da década de 1960, tiveram papel decisivo no processo em que as mulheres são alçadas à condição de objeto e sujeito da História, marcando a emergência da História das Mulheres.

Importa destacar que a imprensa mobilizada neste artigo tem características e natureza diferentes. O jornal *Diário da Tarde* é parte da chamada grande imprensa, de circulação diária e que não apresenta explicitamente finalidade religiosa, considerando que o seu propósito é estar direcionado ao grande público. Já os jornais *Expositor Cristão* e *O Estandarte* são periódicos provenientes de um lugar religioso específico: a religião protestante. Contudo, essa característica não os exime de, em relação à mulher, manterem discursos e posições similares, como se pode constatar na escrita a seguir.

Os estudos tecidos neste artigo estão organizados em duas seções: a primeira aborda intimidades femininas no jornal *Diário da Tarde*, e a segunda, a educação do corpo feminino nos jornais protestantes *Expositor Cristão* e *O Estandarte*.

1 O jornal *Diário da Tarde*

1.1 Intimidades femininas em páginas do jornal *Diário da Tarde*

O jornal *Diário da Tarde* é um impresso que circulou em Curitiba por toda a primeira e parte da segunda metade do século XX (Karina Woitowicz, 2015). Foi um periódico em cujo interior circularam notícias, matérias e propagandas diferenciadas. À medida que adentrava o início do século XX, o jornal ia diversificando a formatação de suas páginas, onde foram inclusos diversos assuntos relativos à sociedade curitibana da época. Aquela cidade avançava paulatina e incipientemente no processo de urbanização, comercialização, industrialização,¹ decorrentes de diferentes relações socioculturais. Diferentemente das edições iniciais dos fins de século XIX, à medida que adentra o século XX, a organização do periódico veicula anúncios de variados tipos, matéria e notícias nacionais e internacionais.²

A partir desse periódico, o íntimo é tratado por meio de poemas dirigidos a mulheres, matérias sobre defloramentos e imagem. São trazidas três tipificações que permitem analisar dados sobre intimidades femininas contidas em edições do periódico.

1.2 Poesias, a intimidade nas linhas e entrelinhas: mulher sonhada, idealizada

O verso e a poesia foram, por muito tempo, um modo de expressão masculina na tentativa da conquista da mulher desejada. A força do amor e do desejo pela amada aparece no poema “Ao Coração que Sofre”, de Olavo Bilac (20--), composto de quatro estrofes, dentre as quais trazemos duas, a seguir:

¹ Roseli Boschilia (2010) afirma que, a partir de 1930, Curitiba começa a passar por um processo de transição do espaço rural para o urbano-industrial. Migrantes buscavam melhores condições de vida, propiciadas pela mobilidade social decorrente desse processo; pessoas se deslocavam do interior ou de cidades vizinhas em busca de melhores oportunidades de trabalho, moradia, educação e saúde (BOSCHILIA, Roseli. *Entre bolachas e caixas de fósforo: a mulher no espaço fabril curitibano (1940-1960)*. Curitiba: Artes & Textos, 2010).

² É possível caracterizá-lo como veículo de informação de cunho conservador devido à defesa que faz de valores tradicionais no que se refere a comportamentos sociais, ao casamento e à mulher em especial.

[...]

Não me basta saber que sou amado,

Nem só desejo o teu amor: desejo

Ter nos braços teu corpo delicado,

Ter na boca a doçura de teu beijo.

[...]

E mais eleva o coração de um homem

Ser de homem sempre e, na maior pureza,

Ficar na terra e humanamente amar.

Bilac foi um poeta que idealizou a mulher amada para além do abraço e do beijo. Ele traduz sua condição de homem. No terceiro verso, eleva essa condição aos deleites carnis íntimos imaginados com a amada. Nessa escrita, a mulher é associada exclusivamente aos desejos carnis masculinos para o que ela se torna objeto de e para a intimidade.

No jornal, não foi diferente. O homem comum – e não o poeta consagrado – buscou espaço para revelar seus sentimentos pela mulher desejada, como no soneto a seguir.

SONETO

Formosa, qual pincel em tela fina

Debuxar jamais podes, ou nunca ousara;

Formosa, qual jamais desabrochava

Em primavera rosa purpurina

Formosa, qual se a própria mão divina

Lhe alinhaste o contorno e a formara;

Formosa, qual o ceo jamais brilhara

Astro gentil, estrella peregrina

[...]

Mulher celeste, oh! anjo de primores!

Quem pode ver-te, sem querer amar-te?

Quem pode amar-te, sem morrer de amores?!

(Monteiro *apud Diário da Tarde*, 19-20/04/1900, p. 1).

O admirador, tenha ou não usado pseudônimo, não se envergonha de tornar público o sentimento pela mulher amada ao exaltar sua beleza. Formosura, pureza e divindade são também elementos contidos no discurso que atravessa a ambivalência sobre a conquista feminina pelo masculino.³ Há uma simbologia presente no discurso literário que evoca o religioso: “mulher celeste, oh! anjo de primores”.

A poesia remete de composição de gênero posta por Joan Scott (1994), relacionada às representações simbólicas culturalmente existentes e frequentemente contraditórias como os mitos da inocência, da luz. Neste caso, o mito da pureza, da inocência vinculados à mulher frágil, ingênua.

Assim, os elementos constituintes desse soneto contribuem para a análise das representações simbólicas sobre uma concepção de mulher pelo mito da pureza, inocente e iluminada, uma obra divina. Normativamente, os símbolos podem ser entendidos como consequências da religião, e, naquele caso, ao que tudo indica, da religião católica, mediante

³ Jean-Paul Desaiwe (1991, p. 302) lembra que o “[...] Renascimento celebrou na beleza uma manifestação sensível do divino, e nas mulheres a exaltação dessa essência divina” (DESAIVE, Jean-Paul. “As ambiguidades do discurso literário”. In: DESAIVE, Jean-Paul. *História das mulheres: do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1991. v. 3).

a comparação da mulher com um anjo. É imprescindível que tais representações sejam analisadas sob a ótica política no que tange aos seus efeitos no imaginário social.

Ao longo do poema a seguir, há um misto de elementos que podem traduzir modos de intimidade nas relações entre homem e mulher. Novamente, a simbologia da divindade se mistura com os da natureza instintiva masculina.

ELLA...

A' M. Z.

Bella, como ninguém.

Um sorriso de seus lábios purpurinos endoideceu-me. Segui-a ao longe.

Mas ah! não era só eu, eram muitos, muitos.

Seu porte era elegante, seu vestido lindo como a abobada celeste crivada de estrelas em noite de luar. Suas madeixas eram pretas, de um negro bello e seductor. Seus olhos morriam de voluptuosidade. Parecia um jardim oriental, exhalava de si raros e exquisitos perfumes. E eu, ah! eu, também morria de voluptuosidade por este anjo.

Batia o sino.

Ella entrou na igreja.

Eu também entrei.

Ella orava, e cada vez me parecia mais bella. Era feliz... pequei, mas a Senhora Virgem que via um anjo lindo de joelhos diante do si, perdoou-me, ah! Eu peccava, é certo, mas innocentemente!

Era feliz, muito feliz.

Senti como o poeta – diante da Virgem Loira – a minha alma ardente e apaixonada; meu coração inundou-se de goso e de ventura.

(...)

Ella, que era linda, que tinha as madeixas pretas do um negro bello e seductor, cujos olhos morriam de voluptuosidade, – ella, que parecia um jardim – volúvel e caprichosa como todas as mulheres – abandonou-me.

E dahi minha vida é a do judeu errante, que, sem amor, sem felicidade, sem vida, sem nada, espera, como o desgraçado, que a morte venha colhel-o, e leve-o para além-túmulo, em busca da felicidade que em vida não teve (Lima *apud Diário da Tarde*, 5-6/04/1900, p. 2).

A mulher aparece, no texto, como objeto de adoração e desejo de muitos, em particular do pretense poeta. O seu corpo é objeto de veneração e sedutor em razão das vestes, dos lábios, do cabelo. Nos trechos “Suas madeixas eram pretas, de um negro bello e seductor. Seus olhos morriam de voluptuosidade [...] eu também morria de voluptuosidade”, o homem adentra o íntimo feminino, atribuindo-lhe igualmente o desejo, a excitação, a luxúria, a sensualidade.

Diante da exacerbação dos instintos masculinos, o pecador se via perdoado pela Virgem, pois inocentes eram os seus múltiplos sentimentos. Contraditoriamente, o admirador, ao que tudo indica, não tendo o seu amor correspondido, caracteriza-a como “caprichosa e volúvel como todas as mulheres”. O contraponto do mito, da simbologia cultural religiosa se imiscui com a simbologia sobre a mulher mundana.

Desses dados jornalísticos foi feita uma espécie de arqueologia do íntimo (Orest Ranum, 1991), para, nessa lógica, captar os sentidos da poesia num exercício também semiótico de ir além do escrito, a fim de buscar interpretativamente, em suas entrelinhas, as intimidades que não puderam ser ditas nas palavras escritas. Trata-se, parafraseando o autor, de registros de uma existência íntima conservados pela escrita que procura traduzir também o visual da mulher bela e desejada. Da escrita poética em análise, a igreja também é lugar, espaço de tradução do íntimo,⁴ das volúpias, do pecado inocente.

⁴ Ranum (1991) explica que os arquitetos dos séculos modernos criaram espaços privados nas casas das elites, transformando o que era, muitas vezes, mobiliário em aposentos como escritórios, bibliotecas, gabinetes novos, com função específica e seus respectivos objetos.

1.2 Mulheres defloradas: corpos violentados, intimidades expostas

Certamente, muitas mulheres tiveram expostas suas intimidades, devido à violência em seus corpos. O valor que a tradição cultural atribuía à virgindade como condição para o casamento e para a vida feminina se vinculava à sua dignidade na sociedade: a honra. Uma mulher estuprada era considerada desonrada, um impedimento para o casamento, afinal, havia relação com pureza da alma, com a moral.

Nesse sentido, frequentemente, o *Diário da Tarde* veiculava notícia de estupro. Embora a legislação, especificamente o Código Penal de 1890, faça distinção entre estupro e defloração, no jornal, tudo indica haver o mesmo sentido. Nos dias 1 e 2 de abril de 1900, o jornal divulga a seguinte notícia:

Defloração

No dia 31, pela madrugada, um indivíduo de cor parda que ainda não pode ser conhecido pela polícia, no quarteirão do Paiva, da 2ª circunscrição, aproveitando a ocasião em que a menor Angelina de 12 anos, filha de Jeremias Nicareta se achava só em casa, agarrou-a o usando de meios violentos deflorou-a fugindo, após a perpetração do bárbaro crime.

A menor foi submetida a exame médico, correndo pela 2ª circunscrição as averiguações policiais (*Diário da Tarde*, 1-2/04/1900, p. 1).

Dias depois, novamente:

Defloração

Quinta-feira a polícia descobriu a moça de cujo defloração demos há dias notícia, no forro de uma casa da rua Dr. Pedroza, n. 109.

Na sede da 2ª circunscrição foi examinada pelos médicos da polícia, que verificaram ser recente o defloração.

Chama-se Maria Justina Alves e o sedutor é André de Oliveira Garcia, sargento do 14º regimento de cavalaria.

Prosegue o inquérito policial, que naturalmente terá como epílogo o conjugio vobis (*Diário da Tarde*, 09/07/1900, p. 2).

O Código Penal vigente à época (Brasil, 1890), em seu artigo 269, define estupro como “o acto pelo qual o homem abusa com violencia de uma mulher, seja virgem ou não”, como

o emprego da força physica, como o de meios que privarem a mulher de suas faculdades psychicas, e assim da possibilidade de resistir e defender-se, como sejam o hypnotismo, o chloroformio, o ether, e em geral os anestesicos e narcóticos (Brasil, 1890).

O defloração, por sua vez, está restrito à menor de idade: “Deflorar mulher de menor idade, empregando sedução, engano ou fraude” (art. 267). Contudo, na reportagem citada, embora haja a indicação de sedução e a vítima tenha doze anos, na primeira notícia, há informação de que houve emprego de violência, o que caracterizaria estupro. Mas o que nos interessa, particularmente, é o fato de que a jovem perdeu a virgindade, importante para a sua vida social futura em termos de casamento, devido à exposição de seu nome e intimidade. Há que se considerar, também, a provável condição social da vítima, pois uma moça de condição social abastada dificilmente constaria nas páginas de um jornal.

Com efeito, considerando o período, ou seja, o início do século XX, importa dizer que o valor social da virgindade significava honra para a mulher. Parte-se do que Maria Ângela D’Incao (1997, p. 235) chamou de rigidez, representada pelos cuidados com as meninas, a qual pode ser vista, segundo a autora, como o “[...] único mecanismo para a manutenção do sistema de casamento que envolvia, a um só tempo aliança política e econômica”. Nas classes abastadas, no controle do corpo e, portanto, das intimidades femininas,

[...] a virgindade feminina era um requisito fundamental. Independentemente de ter sido ou não praticada como valor ético propriamente dito, a virgindade funcionava como um dispositivo para manter o *status* da noiva como objeto de valor econômico, sobre o qual se assentaria o sistema de herança da propriedade que garantia a linhagem da parentela (D’Incao, 1997, p. 235).

Se a virgindade da mulher era um valor para as classes privilegiadas economicamente, não era para as classes populares. Mulheres negras, mestiças e pobres estavam mais expostas à exploração sexual. “Suas relações tendiam a se desenvolver dentro de um outro padrão de moralidade que, relacionado principalmente às dificuldades econômicas e de raça, contrapunha-se ao ideal de castidade” (Soihet, 1997, p. 368). Nessa perspectiva, a notícia contida na coluna “Notícias e Factos” traz o seguinte registro: “[...] queixou-se ao Sr. Dr. chefe de polícia a Izabel Groski que um moço de nome Santiago havia lhe feito mal e não queria mais se casar” (*Diário da Tarde*, 09/02/1901, p. 2). Novamente, temos a exposição da mulher pelo nome, sobrenome e a condição a que foi submetida perante a sociedade patriarcal conservadora da época.

1.3 Mulheres em propagandas: remédios, corpos, intimidades em entrelinhas

A partir do final de 1910, figuras femininas, sobretudo brancas e jovens, passam a compor diferentes anúncios. O volume de propagandas pode ser expressão do processo de urbanização de Curitiba, que vai incorporando diferentes serviços. O número de páginas do jornal dobra de quatro – do período da criação – para oito no ano 1913, por exemplo. Porém, este não é um dado que se mantém, certamente devido ao custo da publicação. Quem pode pagar mais dispõe, muitas vezes, de propagandas que ocupam uma página do jornal. São lojas de roupas, farmácias, calçados, serviços automobilísticos, cafés, lojas de móveis, materiais de construção, funilarias, alfaiatarias, entre outras. Nesse cenário, mulheres são referência na composição de anúncios sobre água, medicamentos e roupas íntimas. Por essa razão, este subitem abordará aquelas que incidem sobre medicamentos e roupa íntima.

Chama atenção a sucessão de propagandas/anúncios de remédios que prometem a cura de doenças como sífilis e gonorreia.⁵ Elas são representadas por figuras femininas, o que nos faz indagar: Por quê? Para quem as propagandas estiveram destinadas? Certamente, às mulheres prostitutas, casadas e amasiadas, a quem as relações sexuais eram socialmente permitidas. As prostitutas, dada a natureza da “profissão”, estariam mais propensas ao contágio dessas doenças devido à variedade de relações que mantinham com diferentes homens. As casadas e amasiadas, por sua vez, estariam sujeitas às relações extraconjugais de seus maridos. Assuntos como esses caracterizam elementos da vida privada que expõem as intimidades a questionamento público sobre a fragilidade das relações conjugais entre os sexos masculino e feminino.

Figura 1 – Propaganda do medicamento Gonologol



Fonte: *Diário da Tarde* (17/02/1912, p. 4).

#PraTodoMundoVer Anúncio em preto e branco. Na borda superior, uma faixa preta com o nome do medicamento com letras brancas. No meio do anúncio, dentro de um círculo, a figura de uma mulher com cabelos crespos e semblante sereno. No entorno do círculo, estão as informações sobre o medicamento.

Há anúncios gerais sobre doenças sexualmente transmissíveis, contendo apenas o título “GONORRHEAS”, chamando atenção para a Sífilis, além de corrimentos crônicos (*Diário da Tarde*, 17/02/1912, p. 4). A seguir, é possível observar algumas propagandas.

Na Figura 1, a imagem de uma mulher jovem ilustra o destino e a finalidade do medicamento, indicado no título da propaganda.

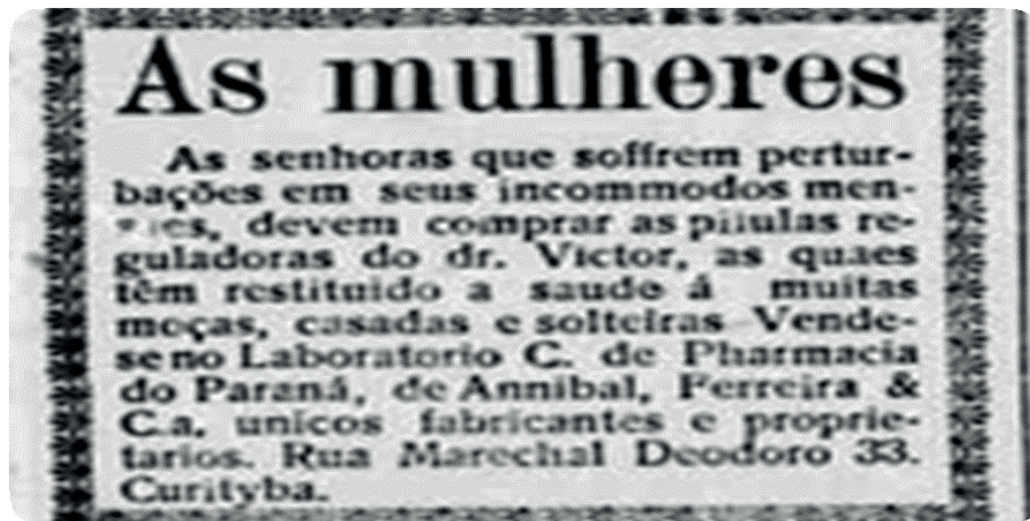
⁵ “A sífilis é uma infecção sexualmente transmissível causada pela bactéria *Treponema pallidum*. Ela pode ocorrer nos três estágios de sintomas, separados por períodos de aparente boa saúde [...] A gonorreia é uma infecção sexualmente transmissível causada pela bactéria *Neisseria gonorrhoeae* que infecta o revestimento da uretra, do colo do útero, do reto ou da garganta ou das membranas que cobrem a parte frontal do olho (conjuntiva e córnea)” (Sheldon Morris, 2025) (MORRIS, Sheldon R. *Infecções sexualmente transmissíveis (IST)*. Rahway, NJ, EUA: Merck & Co., 2025).

Gérard Vicent (2009, p. 354), ao tratar da história do segredo, denomina as doenças venéreas de “revolução prostitucional”, ocorrida depois da primeira guerra, “que tem seu preço: a sífilis e a sífilofobia”, e se refere “ao burguês casado que frequenta as moças da vida e transmite os treponemas à mulher”. O autor ilustra essa abordagem com o depoimento de um médico, o dr. A. Fournier:

Recém-nascido sífilítico, a parturiente que pariu, a ama-de-leite contaminada pelo bebê que amamenta, paciente infectado por instrumentos médicos mal higienizados ou por uma tatuagem, sífilis das mulheres honestas contaminadas pelos maridos. Baseando-se em 842 observações realizadas em sua clientela particular Fournier concluiu que as esposas honestas constituem pelo menos 20% das mulheres sífilíticas (Vicent, 2009, p. 354).

Assim, nas entrelinhas, revela modos de exposição de corpos femininos, de intimidades invadidas pela necessidade sexual exacerbada de maridos infiéis. Mas os medicamentos são objeto de propagandas afeitas a outros aspectos de ordem íntima do corpo feminino, como menstruação, por exemplo.

Figura 2 – Propaganda sobre pílulas reguladoras



Fonte: *Diário da Tarde* (02/02/1905, p. 3).

#PraTodoMundoVer O anúncio está em preto e branco. O título dele, “As mulheres”, está em fonte maior que o restante do texto. Abaixo dele, estão as informações textuais. O anúncio contém uma borda, na cor preta, que lembra pequenas flores.

É importante registrar que as demandas do processo urbano industrial requerem mecanismos e estratégias de consumo. A propaganda, anúncios por meio dos jornais, se torna um modo de divulgação pretensamente eficaz de atingir e convencer maior número de consumidores. Para Heloisa Cruz (1996, p. 83), nas propagandas do início do século XX, não somente o mercado encontra espaço para divulgar a venda e a diversificação de produtos, incorporando uma nova linguagem, como “[...] a imprensa periódica apresenta-se como foco fundamental de formulação, discussão e articulação de concepções, processos e práticas culturais e de difusão de seus projetos e produtos”.

O anúncio de coletes, a seguir, é um exemplo da exposição do corpo feminino por meio de uma peça íntima. Os coletes fazem parte do rol das roupas brancas, denominação dada às peças íntimas no início do século XX, assim como as camisolas, corpinhos e combinações. No universo da intimidade, eles se vinculam à elegância que submete o corpo da mulher à condição de subordinação às exigências sociais.

Caroline Muller (2021) destaca críticas de estilistas franceses ao uso da peça, porém sem muito sucesso. No universo da moda e seus requisitos, estes falavam mais alto. Segundo a autora, médicos passaram a colaborar para a produção de peças que valorizassem os ombros, mas não provocassem os apertos do espartilho e permitissem mais liberdade, conforto e higiene às mulheres.

O espartilho higiênico naquele momento era compreendido como uma peça que podia oferecer comodidade e elegância, produzida com frente reta e que destacava os “peitos” e as “ancas”. As descrições das peças nutriam-se de expressões como “commodo e elegante”, “lindo modelo”, “anca abundante”, “anca saliente”, além da indicação do tipo de tecido, as medidas da cintura e os ornamentos inseridos (Muller, 2021, p. 149).

Figura 3 – Anúncio de espartilhos

Fonte: *Diário da Tarde* (03/11/1910, p. 3).

#PraTodoMundoVer Anúncio em preto e branco. Ao lado esquerdo dele, há o desenho de uma mulher com cintura fina vestindo um espartilho.

Por fim, embora não seja possível exemplificar com imagem de propagandas de remédios para mulheres devido à qualidade da imagem, os seios femininos foram usados para veicular a propaganda de que a exuberância dessa parte do corpo da mulher estaria relacionada ao uso de uma certa vitamina.

2 A educação do corpo feminino nas páginas dos jornais protestantes *Expositor Cristão*⁶ e *O Estandarte*

No Brasil, a imprensa de origem protestante, inicialmente, apoiou-se nas condições possibilitadas pela monarquia, pois a Constituição de 1824 legitimou a liberdade de expressão, desde que abusos desse direito não fossem cometidos. Isso fez com que, no decorrer do século XIX, alguns periódicos, folhetos e livros fossem editados e divulgados, o que permitiu a ampliação da editoração e a multiplicação dos títulos por diferentes segmentos do protestantismo. Além desses folhetos e livros, os periódicos, sobretudo os jornais, também foram relevantes na imprensa protestante, pois a maioria dos missionários protestantes que vieram ao Brasil era oriunda dos Estados Unidos da América (EUA), país cujos primeiros periódicos são datados do século XVIII (Micheline Vasconcelos, 2010).

Os jornais protestantes aqui tomados como fontes de pesquisa – o *Expositor Cristão* e *O Estandarte* – foram criados no contexto do século XIX, no Brasil, marcado pela ampliação da editoração e pela multiplicação dos títulos nos diferentes segmentos do protestantismo. Como apresenta Armando Silvestre (2016, p. 172, grifo do autor), “[...] o surgimento da imprensa protestante no Brasil ocorreu durante a chamada ‘era missionária’, que compreende desde a segunda metade do século XIX até a I Guerra Mundial”.

2.1 Mulher, corpo e princípios do protestantismo em matérias do *Expositor Cristão*

O jornal metodista *Expositor Cristão* teve seu primeiro número publicado em janeiro de 1886 e foi elaborado pelo missionário norte-americano John James Ranson. Sua criação

⁶ A diferença encontrada na escrita – que se verifica no decorrer do texto – é decorrente do ano correspondente do jornal: antes era *Christão*, depois mudou para *Cristão*.

ampliou a circulação da imprensa protestante e os trabalhos do protestantismo no Brasil. Ao ser criado, recebeu o nome de *Methodista Catholico* e, de acordo com a redação do jornal, tinha o seguinte programa:

[...] sendo esta folha órgão da Igreja Methodista Episcopal no Brazil, portanto o nome Methodista: abraçando a religião christã em toda a sua plenitude, e fraternizando com todos que creem em Deus e amam a Nosso Senhor Jesus Christo, portanto o termo Cathotico (*Methodista Catholico*, 01/01/1886, p. 1).

No que se refere ao lugar e ao tratamento da mulher no protestantismo e na sociedade, foi publicado, no número 1 do jornal do ano de 1886, com o título “Trabalho para as Mulheres”, o seguinte conteúdo:

Não que a queiramos emancipada, isto é, desnaturada, invadindo os domínios da esfera própria do sexo masculino, pretendendo estabelecer como homem a luta da concorrência no exercício das faculdades que lhe são próprias: mas, entre a exageração do princípio autônomo, com referência ao sexo delicado, e essa menoridade perpetua a que a condenamos, privando-as, social e domesticamente, de todos os elementos de independência própria - a distancia é grande (*Methodista Catholico*, 01/01/1886, p. 1).

O trecho deixa claro que, conforme os princípios do protestantismo, a mulher precisava ser respeitada, mas sem possuir sua emancipação do sexo masculino, para que não se comportasse de forma desnaturada e construísse uma concorrência com o homem, permanecendo com suas responsabilidades maternas e maritais, como assevera Michelle Perrot (2007). Assim, os

[...] artigos e notícias da imprensa com suas narrativas sobre o cotidiano feminino são importantes para pensarmos quais práticas das mulheres ganharam visibilidade, como foram narradas, que debates suscitaram [...] como materializaram um modelo de feminilidade [...] (Natália Barros, 2007, p. 32).

A educação do corpo feminino no protestantismo, com base em princípios religiosos, buscou disciplinar os corpos, mentes e comportamentos da mulher, moldando seu papel no lar, na igreja e na sociedade, sendo atribuída à mulher uma condição de fraqueza e necessidade de ser protegida e cuidada: “[...] no nosso regimen a mulher so pode ter uma posição - a da fraqueza protegida, a da infancia tutelada” (*Methodista Catholico*, 01/01/1886, p. 1). Tal posição conferida ao feminino configura-se em um processo de fraqueza em relação ao gênero masculino, justificando a necessidade de ser tutelada, o que invalida seu potencial de autonomia e emancipação pessoal e social. Segundo Scott (1994, p. 13), “[...] gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e mais, o gênero é uma forma primeira de dar significado às relações de poder”.

Nesse contexto, cabe recorrer aos estudos da História Cultural, que busca “[...] identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada e dada a ler” (Roger Chartier, 1990, p. 16). Assim, no escopo do presente artigo, trata-se de compreender como a imprensa protestante construiu, em âmbito religioso e social, o papel da mulher.

De acordo com Perrot (2005, p. 10), “[...] o silêncio das mulheres é um mandamento reiterado através dos séculos pelas religiões, pelos sistemas políticos e pelos manuais de comportamento”. A educação religiosa protestante vinculada à sociedade patriarcal desenvolveu práticas de silenciamento e dominação dos comportamentos femininos. No que se refere aos deveres especiais da mulher apresentados nas páginas do jornal *Expositor Cristão*, estão elencados: “Sujeição, o principal de todos os deveres da Mulher; Reconhecimento da superioridade do marido; Uma devida estima de seu marido, como o melhor para ella, e digno de honra de sua parte” (*Methodista Catholico*, 15/01/1886, p. 3). A submissão ao lar e ao marido foram estratégias de educação do corpo feminino empreendidas pelo protestantismo na construção de comportamentos femininos pautados na ausência da independência da mulher e nas suas responsabilidades sobre um lar feliz e educado, que contribuisse para uma formação social coletiva de sujeitos religiosos.

Além disso, cumpre esclarecer, com relação à superioridade do marido, conforme exposto nesse último trecho reproduzido do jornal *Expositor Cristão*, que tal discurso levava as mulheres, independentemente de sua origem religiosa, em seus casamentos, na sua vida íntima, até mesmo a se submeterem à indiferença pelos prazeres sexuais, devido à educação que recebiam, que as preparava para a vida do lar, acarretando sua ignorância em relação às necessidades sexuais e deveres conjugais, o que, muitas vezes, acabava fazendo da relação conjugal um vínculo mais pelo respeito do que propriamente pelos princípios do prazer (Mariana Maluf; Maria Lúcia Mott, 1998).

Ainda sobre essa questão, Margareth Rago (2002, p. 189) aponta que havia maridos que “[...] submetiam suas esposas a regimes de relações sexuais extremamente austeros, transformando as carícias em obrigação, quem sabe em repugnância [e] em dor”, uma vez

que até mesmo os médicos da época relatavam que “[...] os homens haviam sido induzidos erroneamente a acreditar que as práticas sexuais prazerosas só poderiam ser consumadas com amigas, amantes ou prostitutas, respeitando religiosamente as esposas” (Rago, 2002, p. 189).

Nas primeiras décadas do século XX, havia muita cautela em tratar com as moças de assuntos ligados à vida sexual, e muitas mães abordavam algumas questões somente às vésperas do casamento. De fato, era algo que preocupava, inclusive, os médicos devido à inocência e à ignorância das moças em relação às práticas sexuais, o que, não raro, as levou a sofrer com práticas sexuais brutais no casamento, e que acabavam por ocasionar a estabilidade no matrimônio (Maluf; Mott, 1998).

Dito isto, em relação à vida íntima no casamento, cabe concordar com Chartier (1995, p. 40) quando afirma que “[...] as representações da inferioridade feminina, incansavelmente repetidas e mostradas, se inscrevem nos pensamentos e nos corpos de umas e de outros” e acabaram fazendo com que muitas mulheres, inclusive as das camadas mais abastadas da sociedade, aceitassem essas condições na vida conjugal, levando-as, em sua maioria, a reprimir os seus desejos e prazeres sexuais no casamento.

Sendo assim, nesse jornal, circulavam matérias que divulgavam discursos de que a mulher protestante precisava ser virtuosa, de fé e responsável pela educação dos filhos, pela organização do lar, pelos cuidados com o marido e deveria se dedicar às atividades da igreja, ou seja, mulheres dedicadas à saúde, à religiosidade e ao bem-estar da família. Sobre essa condição da mulher protestante, é importante lembrar que, ainda no século XIX, mais precisamente em 1819, foi criada a Sociedade Missionária das Mulheres da Igreja Metodista Episcopal do Sul (EUA), para participação e dedicação da mulher na Igreja Metodista. Entre as atividades, destacavam-se as aulas ministradas na escola dominical. Além dessa Sociedade, foi criada a Junta das Missões das Senhoras, que também reunia as mulheres da Igreja Metodista, para o desenvolvimento de atividades religiosas e sociais.

Nesse sentido, a imagem da mulher protestante espelhava a imagem feminina definida nas duas primeiras décadas do século XX, no Brasil, que se baseava nas formulações do Positivismo⁷ e do Higienismo⁸ do século XIX. Tidas como “[...] as principais responsáveis pela preservação da família e da moral cristã, possuidoras de atributos de pureza, bondade e exaltadas como generosas e meigas, em cujas mãos repousavam o futuro da Pátria e da família [...]” (Jane de Almeida, 2013, p. 188). Sendo assim, o lar era considerado para a mulher como “o altar sagrado” e “o casamento e a maternidade deveriam ser o ápice de seus melhores e maiores sonhos de realização pessoal” (Almeida, 2013, p. 188), importando destacar, também, que, nesse período, o casamento representava uma etapa superior das relações amorosas, inclusive era visto como “o melhor remédio para o corpo e alma” (Maluf; Mott, 1998, p. 382).

No que diz respeito a como a mulher deveria se comportar nos cuidados e nos ensinamentos dos filhos, cumpre destacar que o jornal *Expositor Cristão*, desde o início do século XX, colocava em circulação matérias que divulgavam e defendiam ser de responsabilidade das mulheres o sucesso da educação dos filhos, como apresenta a matéria intitulada “As Mães de Família”, publicada no mês de maio de 1901:

Para dar direcção ao destino de filhos, a influencia das mães é muito mais poderosa do que a dos paes.

Primeiramente estas sempre com os filhos, e os paes, chamados pelos seus negocios, estão constantemente separados desses queridos seres da sua família.

Oh! Quão feliz não é o filho, cuja mãe é uma mulher boa, piedosa e santa!

E' de summa importancia que um moço crente, quando se ache procurando uma esposa, lembre-se não sómente da sua propria felicidade, que será grandemente influída pelo character da sua companheira de vida, mas tambem da sorte dos filhos, com quem provavelmente será dotado.

Uma mãe irreverente e sem fé em Deus é uma lastima, e não póde deixar de envenenar o character dos seus filhos nos seus principios e sentimentos fundamentaes.

⁷ Positivismo: “Sistema filosófico formulado por Augusto Comte, tendo como núcleo de sua teoria os três estados, segundo a qual o espírito humano, ou seja, a sociedade, a cultura, passa por três etapas: a teológica, a metafísica e a positiva. As chamadas ciências positivas surgem apenas quando a humanidade atinge a terceira etapa, sua maioridade, rompendo com as anteriores. Para Comte, as ciências se ordenaram hierarquicamente da seguinte forma: matemática, astronomia, física, química, biologia, sociologia; cada uma tomando por base a anterior e atingindo um nível mais elevado de complexidade. A finalidade última do sistema é política: organizar a sociedade cientificamente com base nos princípios estabelecidos pelas ciências positivas” (POSITIVISMO. *Verbetes Dicionário Filosófico*, [S.l.], [s.n.], 20---. Disponível em http://www.fafich.ufmg.br/~labfil/mito_filosofia_2_arquivos/verbetes_dicionario_filosofico.pdf. Acesso em 01/02/2025).

⁸ Higienismo foi um movimento da elite médica com estratégias de alcançar parcela populacional e galgar o poder estatal e possibilidades de participar do poder (Maria Cecília Silva, 2009). O movimento propunha a defesa da saúde e da educação pública e o ensino de novos hábitos higiênicos pela medicina social (Edivaldo Góis Junior; Hugo Lovisolo, 2003) (SILVA, Maria Cecília da. *Do corpo objeto ao sujeito histórico: perspectivas do corpo na história da educação brasileira*. Salvador: Editora da UFBA, 2009; GÓIS JUNIOR, Edivaldo; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. “Descontinuidades e continuidades do movimento higienista no Brasil do século XX”. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Curitiba, v. 25, n. 1, p. 41- 54, 2003).

Um pae mau é bastante ruim; mas que diremos de uma mãe perversa?

Mães de família ponderae a vossa tremenda responsabilidade (*Expositor Christão*, 23/05/1901, p. 2-3).

Importa registrar que a matéria reforça o papel almejado pela sociedade brasileira para as mulheres, nas primeiras décadas do século XX, isto é, sua função de mãe na educação e nos cuidados com os filhos. Além disso, pode-se perceber que os protestantes corroboravam essa questão evidenciando que era no papel de mãe que se conquistaria a felicidade dos filhos, afinal, eram as mulheres as responsáveis pelo espaço da vida privada, da família e das questões domésticas, exercendo, inclusive, mais influência na vida e no destino dos filhos do que os pais. Sendo assim, a mulher devia reunir qualidades marcadas por um determinado perfil de mãe de família, como ser uma mulher boa, piedosa e santa.

Ademais, ao se atentar às especificações dessa matéria, observa-se, ainda, que ela reforçava um discurso sobre o papel da mulher como dona de casa e esposa e o do homem como chefe de família, ao retratar o pai direcionado aos negócios e a mãe voltada para os filhos. Certamente, isso mostra um modelo de família abastada socialmente, visto que, como assinalam Maluf e Mott (1998), eram principalmente as mulheres de condição abastada que estavam ligadas aos seus maridos pelos indissolúveis laços do matrimônio civil e religioso e afastadas das atividades produtivas.

É preciso explicar, ainda, que, na primeira metade do século XX, a formação do caráter, do civismo e patriotismo e da higiene da criança foi um projeto religioso, mas também político, social e econômico, internalizado nas famílias protestantes e não protestantes para a formação de uma sociedade moderna e desenvolvida idealizada pelos republicanos. A educação da criança passou a ser construída no âmbito da ciência, e não por meio dos saberes empíricos passados de geração para geração, e, desse modo, os republicanos objetivaram a formação de uma sociedade civilizada, asseada, cívica, patriota e cristã. Nessa perspectiva, a formação da sociedade republicana associou a religião com o patriotismo: “[...] a religião não pôde deixar de ser o fundamento de nosso patriotismo, porque sem ella não haverá verdadeiro amor pátrio” (*Expositor Christão*, 28/03/1901, p. 4).

Como explica Georgiane Vázquez (2016, p. 339, grifo do autor), “[...] ao longo do século XX, a maternidade foi alvo de uma intensa campanha por parte dos governos e da sociedade de um modo geral, não sendo por acaso que o referido século se consolidou como o *século da criança*”. Nesse período, a maternidade representou, para além do processo biológico, a atribuição da mulher na formação da família, mantida por laços de afetividade, felicidade, união e caráter, como apresentado na matéria citada. De acordo com Nader (1997, p. 59),

[...] por tradição histórica, a mulher teve a sua vida atrelada à família, o que lhe dava a obrigação de submeter-se ao domínio do homem, seja seu pai ou esposo. Sua identidade foi sendo construída em torno do casamento, da maternidade, da vida privada-doméstica e da natureza à qual foi ligada.

Mantinha-se a mulher com grandes responsabilidades familiares e coletivas, contudo, limitada à vida doméstica, espaço construído socialmente e historicamente como feminino. Essa configuração do feminino atribuída a ela foi também moldada ao final do século XIX, com as influências do positivismo, período no qual as mulheres

[...] eram vistas como seres dotados de atributos de pureza e doçura, responsáveis pela preservação da família e da moral cristã, mães generosas, espíritos de sacrifício, salvadoras da pátria, o que as colocava como responsáveis por toda a beleza e bondade que deveriam impregnar a vida social (Almeida; Jamilly Nicolette, 2016, p. 76).

Para os metodistas, a criança que fosse educada no protestantismo não seria egoísta, construiria o amor e contribuiria para a salvação da humanidade:

[...] a criança, com o espírito missionário, nunca será homem ou mulher egoísta, mas este espírito produzirá n'ella o amor para com todos, e a vontade de fazer todo o possível para a salvação da humanidade (*Expositor Christão*, 16/05/1901, p. 5).

Nos limites desta seção, convém lembrar que o jornal *Expositor Cristão* também colocava em circulação e divulgação um discurso que tinha como representação do ideal feminino determinados comportamentos sociais que limitavam as mulheres ao universo do lar, da família e do mundo doméstico, restringindo ao máximo suas atividades e aspirações, reduzindo-as “até encaixá-las no papel de ‘rainha do lar’, sustentada pelo tripé mãe-esposa-dona de casa” (Maluf; Mott, 1998, p. 371-372).

Convém destacar que os apontamentos de Maluf e Mott (1998, p. 373) reafirmam o papel da imprensa na circulação e divulgação dessa imagem feminina nas três primeiras décadas do século XX, pois “[...] a imagem de mãe-esposa-dona de casa como a principal e mais importante função da mulher correspondia àquilo que era pregado pela Igreja, ensinado

pelos médicos e juristas, legitimado pelo Estado e divulgado pela imprensa [...]”. Contudo, como lembra Chartier (1990, p. 17), pode-se dizer que as matérias que circularam nas páginas do jornal *Expositor Cristão* sobre a educação do corpo feminino “[...] não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas”, dado ser certo que esse impresso colaborou, durante a primeira metade do século XX, na formação e na educação das mulheres que frequentavam as igrejas protestantes, inclusive na educação das questões relacionadas ao corpo feminino, sobretudo as jovens moças, que se preparavam para o casamento e a vida em família.

2.2 Indícios presentes nos discursos sobre mulher, educação e corpo nas páginas do jornal *O Estandarte*

O jornal *O Estandarte* foi fundado por Eduardo Carlos Pereira, Joaquim Alves Correia e Bento Ferraz, e teve seu primeiro número publicado em 7 de janeiro de 1893. É importante lembrar que esse jornal de origem protestante sucedeu a *Imprensa Evangélica*, primeiro periódico religioso do Brasil, “que se manteve em atividade até 2 de julho de 1892” (*O Estandarte*, 07/01/1943, p. 6).

Embora o interesse fosse analisar as questões da educação do corpo feminino, proporcionando mais informações e discussões, em relação ao jornal *O Estandarte*, foi possível tratar dessas questões apenas a partir de indícios, conforme assinala Carlo Ginzburg (2014). O jornal apresentava matérias relacionadas a mulheres, sobretudo, ligadas ao trabalho feminino na Federação de Sociedade de Senhoras da Igreja Independente do Brasil, a mulheres-modelo, bem como biografias de mulheres de reverendos, entre outras.

Matérias referentes às mulheres nesse jornal se assemelham às que circularam no *Expositor Cristão*, uma vez que representavam o modelo de esposa exemplar e religiosa, como a matéria intitulada “Mulheres Modelo”, publicada no mês de janeiro de 1943:

[...] Priscila [...], além de ser uma crente consagrada, era esposa exemplar, mestra por excelência [...] Assim irmãs, sendo verdadeiras imitadoras das santas do Novo Testamento, não só seremos merecedoras dos idênticos elogios que hoje ainda perfumam, os seus nomes, como transmitiremos o nosso exemplo a nova geração que se ergue a nossa frente para que ela edifique o seu caráter e amolde a sua vida, no padrão da Rocha viva dos séculos (*O Estandarte*, 1943, p. 17).

No trecho, é possível observar, bem como em toda a matéria “Mulheres Modelo”, a circulação de um discurso que visava disciplinar os comportamentos femininos, de acordo com as santas do Novo Testamento bíblico, como era Priscila, mencionada no fragmento, a crente consagrada, esposa exemplar e mestra por excelência. Importa destacar que o modelo de mulher idealizado tinha qualidades específicas e determinadas, principalmente relacionadas a ter uma vida como santa, pois somente assim se tornaria uma mulher cristã, mãe de família e esposa exemplar.

É interessante relatar, também, que circulavam, nesse periódico, matérias acerca da biografia de mulheres de reverendos, como é o caso da matéria intitulada “D. Luiza Pereira de Magalhães”, publicada em 7 de janeiro de 1943, no ano do jubileu do jornal *O Estandarte*. O trecho da matéria sobre a biografia, reproduzido a seguir, permite refletir como era a vida dessas mulheres ao lado dos seus esposos reverendos.

Mudando-se a família do Rio de Janeiro para S. Paulo, deixou a saudosa Rio e a vida fidalga da grande casa que a acolhera com carinho e bondade que jamais esqueceu. Em São Paulo foi logo contratada para lecionar na Escola Americana [...] Escalados para abrir trabalho na católica cidade de Lorena, partiram imediatamente. Nessa cidade começaram a colher o escárnio público e as tribulações próprias daquela época. Mas para a jovem esposa foram duplicados os sofrimentos: acostumados a todos os confortos da civilização, faltava-lhe a adaptação à vida rude daquele ambiente primitivo e fanático (*O Estandarte*, 1943, p. 21).

Embora este trecho enfatize a força e a resiliência dessas mulheres ao “suportarem” contextos rudes e primitivos, convém chamar atenção para o fato de que essa situação, conforme retratada, deixa evidente uma visão romantizada do sacrifício feminino, bem como da adesão natural das esposas ao projeto missionário, e ao mesmo tempo acaba reproduzindo uma linguagem marcada e carregada de características civilizatórias próprias do pensamento colonial. Assim, acaba ignorando e até mesmo esquecendo que essas trajetórias femininas das esposas dos pastores foram marcadas e atravessadas por assimetrias de gênero e por dinâmicas de poder que, muitas vezes, limitaram as suas ações.

Nesse sentido, pode-se dizer que as biografias de mulheres de reverendos que circularam no jornal *O Estandarte* representavam-nas como modelos de esposa, mãe e cristã, como foi o caso, por exemplo, da biografia de Lúcia, que registrava: “Foi modelo de mulher cristã, mãe amorosa e esposa dedicada. O seu lar foi abençoado com um filho e uma filha ambos fiéis servos do mesmo Deus dos seus antepassados [...]” (*O Estandarte*, 1943, p. 21).

Ainda em relação à biografia de Lúcia, cabe mencionar que ela era professora – inclusive, com a sua mudança para São Paulo, foi contratada para lecionar na Escola Americana. Nessa

época, a profissão de professora já era bem aceita socialmente para as mulheres, pois, devido à entrada das moças nas escolas normais, a partir do final do século XIX, o magistério passou por um processo de feminização (Guacira Louro, 1989; 2000). Desse modo, o magistério representou, para as mulheres desse período, possibilidades de estudo e trabalho, mas, também, a ocupação de espaços sociais, econômicos e profissionais até então ocupados por homens, contribuindo com a construção das identidades femininas e sua ascensão pessoal, social e profissional.

Considerações finais

Como indicado no início da introdução deste artigo, o objetivo foi analisar conteúdos destinados às mulheres contidos em propagandas, anúncios e matérias portadoras de representações sobre o corpo feminino, que circularam no jornal *Diário da Tarde* e nos jornais de origem protestante *Expositor Cristão* e *O Estandarte*, na primeira metade do século XX, demonstrando que as intimidades foram entendidas como relacionadas ao corpo feminino. Assim, procura-se depreender, a partir dos dados contidos nesses jornais, como a mulher teve diferentes aspectos de sua intimidade abordados ou omitidos em textos e imagens sobre ela.

É certo que a imprensa, na maioria das vezes, é escrita por homens, logo, os periódicos traduzem representações femininas sob o olhar masculino. O corpo feminino é desejado, oprimido, regulado por exigências sociais e religiosas que lhe são impingidas. Nesse caso, trata-se de um imperativo. Desse modo, foi possível perceber que as intimidades expostas nas propagandas do jornal *Diário da Tarde* traduzem, também, o subjugado da esposa ao marido quando da infecção de doenças por ele trazidas da rua para o lar. De modo geral, nos limites deste artigo, observa-se que as intimidades são violentadas não exclusivamente quando a jovem é deflorada, mas também quando a esposa é traída e contrai doença venérea.

Em relação aos jornais protestantes o *Expositor Cristão* e *O Estandarte*, observa-se que esses puseram em circulação matérias relacionadas à mulher que divulgavam representações do ideal feminino, moldado por determinados comportamentos sociais e religiosos que limitavam as mulheres ao universo da vida privada, ao mundo doméstico.

No entanto, há de se ressaltar que o jornal *O Estandarte*, nas matérias que divulgava, além de difundir esse modelo de comportamento feminino – que tinha marcas de um forte caráter religioso –, já trazia modelos e exemplos de mulheres que exerciam o trabalho também fora do lar e trabalhavam como professoras, profissão considerada e bem aceita socialmente para as mulheres – inclusive para as casadas – no período, por ser entendida com uma profissão de extensão do lar.

Contudo, foi possível notar que, em ambos os jornais protestantes, quando são difundidas as matérias que abordam as mulheres, basicamente não se identificam informações sobre o universo das intimidades femininas, o que permite compreender que elas estão implícitas nas matérias. De fato, pode-se dizer que as publicações da imprensa religiosa protestante não tinham o interesse tampouco o objetivo de tratar as questões referentes a tais intimidades.

Por fim, cabe registrar que os tipos de imprensa abordados neste artigo prescreveram comportamentos femininos, isto é, modos de agir que apontam não somente para práticas culturais e educativas e, por isso, para a formação de mulheres, na primeira metade do século XX.

Referências

ALMEIDA, Jane Soares de. "As gentis patrícias: identidades de imagens femininas na primeira metade do século XX (1920/1940)". *Educar em Revista*, Curitiba, n. 48, p. 187-205, 2013. Disponível em <https://www.scielo.br/er/a/jDBtX9GDVc8Y4dTdv888SKp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 15/01/2025.

ALMEIDA, Jane Soares de; NICOLETE, Jamilly Nicacio. "Gênero, educação e religião: o poder simbólico na cultura e o discurso da desigualdade". *Religare*, Paraíba, v. 13, n. 1, p. 64-84, 2016. Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/religare/article/view/31243>. Acesso em 12/01/2025.

BARROS, Natália Conceição Silva. *As mulheres na escrita dos homens: representações de corpo e gênero da imprensa do Recife nos anos vinte*. 2007. Mestrado em História – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.

BILAC, Olavo. "Ao coração que sofre". *Letras*, [S.l.], 20---. Disponível em <https://www.letas.mus.br/olavo-bilac/ao-coracao-que-sofre/>. Acesso em 02/02/2025.

BRASIL. *Coleção de Leis do Brasil*. Rio de Janeiro: 1890. v. fasc. X. p. 2664. (Publicação Original)

CHARTIER, Roger. "Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica)". *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 4, p. 37-47, 1995. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1761/1816>. Acesso em 18/01/2025.

CHARTIER, Roger. "Introdução: por uma sociologia histórica das práticas culturais". In: CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. p. 13-28. (Coleção Memória e Sociedade)

CRUZ, Heloisa de Faria. "A cidade do reclame: propaganda e periodismo em São Paulo – 1890/1915". *Proj História*, São Paulo, n. 13, p. 81-92, 1996.

D'INCAO, Maria Ângela. "Mulher e família burguesa". In: DEL PIORE, Mary (Org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, n. 1884, 02/02/1905.

DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, n. 297, 1-2/04/1900.

DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, n. 301, 5-6/04/1900.

DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, n. 310, 19-20/04/1900.

DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, n. 3652, 03/11/1910.

DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, n. 377, 09/07/1900.

DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, n. 552, 09/02/1901.

DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, n. 4049, 17/02/1912.

EXPOSITOR CRISTÃO. Rio de Janeiro, n. 13, 28/03/1901.

EXPOSITOR CRISTÃO. Rio de Janeiro, n. 20, 16/05/1901.

EXPOSITOR CRISTÃO. Rio de Janeiro, n. 21, 23/05/1901.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. "Magistério de 1º grau: um trabalho de mulher". *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 31-39, 1989. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/278845>. Acesso em 15/01/2025.

LOURO, Guacira Lopes. "Mulheres na sala de aula". In: DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000. p. 443-481.

MALUF, Mariana; MOTT, Maria Lúcia. "Recôndito do mundo feminino". In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil – República: da Belle époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 368- 421.

METHODISTA CATHOLICO. Rio de Janeiro, n. 1, 01/01/1886.

MULLER, Caroline. *Memórias luso-brasileiras sobre o consumo e a circulação de roupas brancas femininas (1900-1920)*. 2021. Doutorado em Design – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.

NADER, Maria Beatriz. *Mulher: do destino biológico ao destino social*. Vitória: Editora da UFES, 1997.

O ESTANDARTE. Rio de Janeiro, n. 7, 07/01/1943.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: Editora da USC, 2005.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Tradução de Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

RAGO, Margareth. "Os mistérios do corpo feminino, ou as muitas descobertas do 'amor venéreo'". *Projeto História*, São Paulo, v. 25, p. 181-195, 2002.

RANUM, Orest. "Os refúgios da Intimidade". In: CHARTIER, Roger (Org.). *História da Vida Privada: da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SCOTT, Joan Wallach. "Preface a gender and politics of history". *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 3, 1994. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1721/1705>. Acesso em 13/01/2025.

SILVESTRE, Armando Araújo. "Os jornais evangélicos e a formação da mentalidade protestante no Brasil". *Reflexão*, Campinas, v. 41, n. 2, p. 165-178, 2016. Disponível em <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reflexao/article/view/3696/2379>. Acesso em 05/12/2024.

SOIHET, Rachel. "Mulheres pobres e violência no Brasil urbano". In: DEL PIORE, Mary (Org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. "A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero". *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 54, p. 281-300, 2007. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbh/a/QQh4kZdCDdnQZjv6rqJdWCc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 24/10/2024.

VASCONCELOS, Micheline Reinaux de. *As boas novas pela palavra impressa: impressos e imprensa protestante no Brasil (1837-1930)*. 2010. Doutorado em História – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

VÁZQUEZ, Georgiane Garabely Heil. "Memórias de uma ausência: mulheres sem filhos e suas narrativas sobre maternidade no Paraná do século XX". *Revista de História Regional*, v. 21, n. 2, p. 338-363, 2016. Disponível em <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr>. Acesso em 23/11/2024.

VICENT, Gérard. "Uma história do segredo". In: PROST, Antonie; VICENT, Gérard (Orgs.). *História da Vida Privada 5: da Primeira Guerra aos nossos dias*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

WOITOWICZ, Karina Janz. "Recortes do Tempo na Escrita do Jornal: história e cotidiano no universo jornalístico da capital paranaense". In: WOITOWICZ, Karina Janz. *Imagem contestada: a guerra do contestado pela escrita do Diário da Tarde (2012-2016)*. Ponta Grossa: Editora da UEPG, 2015.

Rosa Lydia Teixeira Corrêa (rosa.correa@pucpr.br) possui Pós-doutorado em História da Educação pela Universidade de Salamanca/Espanha; doutora em História Econômica pela Universidade de São Paulo; Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado e Doutorado da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Líder do Grupo de Pesquisa Instituições Escolares no Brasil. Realiza estudos sobre ideário educativo, saberes e formação de professores no Brasil, cultura material escolar, história da escola primária no Brasil, livros escolares e mulheres.

Cristiane Pereira Peres (cris.peres@uems.br) é doutora em Educação pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Vice-líder do Grupo de Pesquisa História da Educação Memória e Sociedade (GEPHEMES/UFGD). Professora na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Possui experiência em pesquisas desenvolvidas na área da educação, com ênfase nos seguintes temas: educação para os povos originários; educação inclusiva; educação e diversidade; história das instituições escolares.

Alessandra Cristina Furtado (alessandrafurtado@ufgd.edu.br) possui Pós-doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo. Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Mestre em História pela Universidade Estadual Paulista/Franca. Professora Titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível 2. Membro do Grupo de Pesquisa História da Educação, Memória e Sociedade (UFGD). Realiza pesquisas sobre história da formação e da profissão docente, história das instituições escolares, história comparada da educação, história da educação rural.



COMO CITAR ESTE ARTIGO DE ACORDO COM AS NORMAS DA REVISTA

CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira; PERES, Cristiane Pereira; FURTADO, Alessandra Cristina. "Educação da mulher pela imprensa". *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 34, n. 2, e111116, 2026.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Rosa Lydia Teixeira Corrêa: concepção de formato, coleta de dados de conteúdo e escrita integral do artigo.

Cristiane Pereira Peres: concepção de formato, coleta de dados de conteúdo e escrita integral do artigo.

Alessandra Cristina Furtado: concepção de formato, coleta de dados de conteúdo e escrita integral do artigo.

FINANCIAMENTO

O artigo é ligado ao Projeto de Pesquisa "Mulheres e educação: entre o prescrito, o escrito e o vivido" financiado por meio do Edital Chamada CNPq/MCTI/FNDCT Nº 44/2024 – Universal.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS

Os dados de pesquisa só estão disponíveis mediante solicitação.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

As imagens usadas são públicas, editadas e publicadas pelo Jornal.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY 4.0 International](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

HISTÓRICO

Recebido em 01/03/2026

Aceito em 02/03/2026

EDITORA RESPONSÁVEL

Lia Machado Fiuza Fialho  0000-0003-0393-9892

EDITORA CIENTÍFICA

Cristina Scheibe Wolff  0000-0002-7315-1112
